

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO MATEENSE
FACULDADE VALE DO CRICARÉ
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

DAVID LOPES SANTOS

**A CAPOEIRA E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA ANÁLISE
BIBLIOGRÁFICA**

SÃO MATEUS

2016

DAVID LOPES SANTOS

**A CAPOEIRA E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA ANÁLISE
BIBLIOGRÁFICA**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura
em Educação Física da Faculdade Vale
do Cricaré, como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciado em
Educação Física.**

**Orientador: Prof. Me. Daniel Junior da
Silva.**

SÃO MATEUS

2016

DAVID LOPES SANTOS

**A CAPOEIRA E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA ANÁLISE
BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade Vale do Cricaré, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Aprovado em 00 de julho de 2016.

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Me. Daniel Junior da Silva
FACULDADE VALE DO CRICARÉ
ORIENTADOR**

**PROF. NOME COMPLETO
FACULDADE VALE DO CRICARÉ**

**PROF. NOME COMPLETO
FACULDADE VALE DO CRICARÉ**

A minha família, esposa e filhos por sempre acreditarem no meu trabalho como educador, a minha mãe que sempre me aconselhou e que dedicou a sua vida a vitória dos filhos.

À Deus primeiramente por sempre guiar a minha vida no caminho do bem, a meu orientador prof. Daniel Jr. da Silva pela paciência e grandes ensinamentos.

“Educação não transforma o mundo,
educação muda pessoas. Pessoas transforma
o mundo.”

Paulo Freire

RESUMO

O estudo tem como objetivo realizar um levantamento bibliográfico da literatura científica nacional sobre produções em relação à temática deste trabalho, para uma identificação da capoeira e Educação Física Escolar em uma análise simples. A partir de buscas nas principais revistas eletrônicas da Educação Física, banco de teses e dissertações da UFES e USP, indexadores e diretórios, foram encontrados e analisados 18 trabalhos. Na tentativa de responder o questionamento da pesquisa, sobre o que a produção científica na área da Educação Física escolar tem debatido e aplicado na práxis pedagógica sobre a capoeira na escola, com base no referencial teórico apresentado, nota-se os pontos em comum em relação a implantação da capoeira na escola e sua didática pedagógica. Em seguida, as divergências em relação ao processo histórico da origem da capoeira, causando algumas confusões sobre o seu desenvolvimento como manifestação, e por fim, a prática da *capoeira contemporânea* como um diálogo comum no mundo da capoeira nos dias atuais. É necessário que a discussão sobre a capoeira no âmbito escolar se aproprie ainda mais dos caminhos legais, para incentivos as práticas de ensino da cultura afro-brasileira na escola e para que haja um avanço pautado em sua importância como conteúdo curricular na educação brasileira.

Palavras-chave: *Capoeira; Educação; Educação Física Escolar.*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1 A CAPOEIRA E SUAS ORIGENS.....	13
2.2 A CAPOEIRA NOS SÉCULOS XX E XXI.....	29
2.2.1 Os estilos de capoeira.....	30
2.3 CAPOEIRA E EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA: PRIMEIRAS RELAÇÕES.....	32
2.4 O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DA CAPOEIRA.....	36
2.4.1 A pedagogia da capoeira: estratégias e metodologias de ensino na escola.....	37
3 METODOLOGIA DO ESTUDO.....	40
3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA.....	40
3.2 RESULTADOS DAS BUSCAS.....	42
4 LEITURAS E ANÁLISES DOS ACHADOS.....	45
4.1 AS LEGISLAÇÕES EDUCACIONAIS E A CAPOEIRA.....	45
4.2 AS DIVERGÊNCIAS SOBRE A HISTÓRIA DA CAPOEIRA.....	48

4.3 UMA CAPOEIRA CONTEMPORÂNEA.....50

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....52

6 REFERÊNCIAS.....54

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, tem se discutido muito sobre a prática da capoeira na escola. A partir da Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional (LDB), novas teorias e ações que regulamentam o currículo escolar da educação brasileira, como, por exemplo, lei Nº 11.645, de 10 março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Passou a fazer parte dos contextos pedagógicos, possibilitando a práticas de várias manifestações populares, como a capoeira.

Pensar na possibilidade de uma pedagogia da capoeira no meio escolar contribui para o desenvolvimento e formação do aluno, além de uma consciência coletiva sobre os valores da humanidade para a juventude. Desenvolver a curiosidade crítica, promover reflexão sobre o reconhecimento e a assunção da identidade cultural negra brasileira, em especial da juventude afrodescendente, como experiências estimuladoras.

Contudo, ainda podemos encontrar dificuldades em discutir sobre a prática de manifestações cujas raízes se encontram nos saberes e valores de matrizes africanas e afrodescendentes. Isso por que a falta de informação sobre atividades herdadas da cultura negra e o preconceito que ainda reside sobre a representação dessas atividades, como a capoeira, por exemplo, dificultam as escolhas e usos pedagógicos que podem ser feitas com esse tipo de conteúdo.

Por isso, por meio das reflexões acima, o estudo proposto discute sobre as relações da Capoeira com a Educação Física Escolar. É relevante apontar que há pouco conteúdo bibliográfico sobre a arte Capoeira em relação à pedagogia, demonstrando a necessidade deste diagnóstico. Sendo assim, o presente estudo busca responder a seguinte inquietação: o que a produção científica na área da Educação Física escolar tem debatido e aplicado na práxis pedagógica sobre a capoeira na escola?

Para responder o questionamento, objetivamos de maneira geral realizar um levantamento bibliográfico nas principais fontes de armazenamento e pesquisa da área da Educação Física brasileira, periódicos, indexadores, diretórios e banco de teses e dissertações, que discutem sobre a prática pedagógica da capoeira no contexto educacional. Especificamos em identificar como a literatura tem abordado sobre a capoeira em relação às aulas de educação Física escolar e analisamos os principais aspectos que contribuem para as possibilidades ou tensões sobre os usos da capoeira como conteúdo das aulas de Educação Física.

As discussões sobre a temática contribuem para uma compreensão a cerca da capoeira, tanto como conteúdo, como instrumento ou didática de ensino. Isso porque trata-se de uma manifestação da cultura afro-brasileira riquíssima em valores culturais e em movimentos corporais que constituem a história da atividade física e da Educação Física do Brasil, por meio da corporalidade expressada nas manifestações da sociedade brasileira.

O desenvolvimento de processos pedagógicos da capoeira é relevante, não só para a prática da manifestação, mas principalmente, no ensino e aprendizagem no ambiente educacional, pois os usos feito da capoeira nas aulas de Educação Física podem potencializar a aprendizagem de conhecimento, não só da área específica, assim como, das demais disciplinas escolares. Pensando ainda, para além das questões culturais e sociais que geram temas transversais, como o respeito, a sociabilidade, a cidadania e a história do Brasil.

Sendo assim, compreender as relações da capoeira e os processos pedagógicos, auxiliam o professor de Educação Física escolar a buscar em sua formação a possibilidade de usos dessa atividade em suas aulas, para ampliação da didática, estratégias e conteúdos no atendimento diversificado do público escolar, desenvolvendo momentos de aprendizados que consideram a história da cultura corporal do brasileiro na composição de conhecimentos em atividades propostas.

Enfim, para um entendimento sobre as principais teorias que versam sobre a capoeira, do contexto histórico ao seu desenvolvimento e reconhecimento como

uma prática corporal da cultura brasileira, nos capítulos a diante, apresentaremos uma possível história da capoeira, com suas origens, seus conceitos, os tipos e suas relações com a Educação, o currículo da escola e a Educação Física escolar. Logo após, explicaremos a metodologia do trabalho, apresentando um levantamento e as análises feitas durante a leitura dos mesmos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

As seções a seguir, versam sobre as principais características da capoeira e suas possibilidades em relação à Educação e a Educação Física escolar. Organizada numa perspectiva histórica e curricular, veremos como os autores dialogam sobre alguns pontos específicos, para que possam subsidiar nossas discussões sobre a temática, como veremos a seguir.

2.1 A CAPOEIRA E SUAS ORIGENS

A trajetória histórica da Capoeira nos currículos escolares enfrenta os rígidos valores hegemônicos e a visão conservadora da elite brasileira. Dentre as diversas visões e concepções sobre a prática da capoeira, em especial sobre a história da capoeira, muitas apresentam uma distorção preconceituosa. Por isso, o reconhecimento da Capoeira parte da importância de rever a sua história, principalmente nos livros didáticos, pois a prática contemporânea da capoeira conquistou o mundo, tornando-se uma expressão pedagógica de liberdade, podendo reescrever a sua história.

A História da Capoeira esta intrinsecamente ligada a História do Brasil. Considerando as diversas hipóteses sobre a origem da capoeira, temos a certeza de afirmar que nasce entre o povo escravizado, no início da colonização do Brasil, por volta de 1559, segundo registros historiográficos de documentos de legalização de escravos vindo de Angola, segundo CAMPOS (2003, pág.19).

Dentre diversas observações, desde o termo “Capoêra” atribuído por Visconde de Porto Seguro ou “Caapoêra” indicado por J. Barbosa Rodrigues no seu livro “Paranduba Amazonense”, citado por CAMPOS (2003, pág 21), entendemos que Capoeira, também é um local de mato cortado, roça velha, que podemos considerar o espaço do jogo, da roda onde eram praticados. Esta complexidade também pode ter influências indígenas, conforme indica Henrique Beaurepaire

Rohan, ao atribuir o termo tupi “Co-puera” ou “Caa-Apuam-era” proposto em 1865, por José de Alencar no livro Iracema.

O sistema brasileiro de educação tem avançado a passos lentos na implantação de diversas leis e programas voltados para valorização da arte e da cultura. Consideramos esta lentidão como um ato político, de impedimento na construção de currículos que vão beneficiar as classes mais populares. Isso gera uma necessidade de um reconhecimento da sociedade, em especial da Escola, que através de seus currículos possam revelar a importância pedagógica da capoeira.

Para Campos (2003) a capoeira pode ser utilizada de diversas formas nas suas diferentes potencialidades. E enumera a capoeira como: Capoeira Luta, Capoeira Dança e Arte, Capoeira Folclore, Capoeira Esporte, Capoeira Educação, Capoeira Lazer, Capoeira Filosofia de Vida, demonstrando que na escola, comunidade ou no grupo de cultura, podemos observar um leque de opções a serem explorados.

Em relação histórica com a Educação, a Capoeira vem sendo mais utilizada nas modalidades desportivas, estabelecendo “competição, treinamentos físicos, técnicos e táticos”. Também na formação integral do aluno, o desenvolvimento físico, o caráter, a personalidade, o comportamento, tudo isso promovendo um grande estímulo para a vida, ressalta Campos (2003). Reafirmamos o pensamento dos historiadores, Oliveira e Leal (2009, p.17), quando evidenciam que “[...] a capoeira finalmente torna-se parte integrante da história do país, da sua face, da sua gênese, faceta antes percebida, mas nunca explicitada”.

A capoeira se integra à sociedade após longos anos de exclusão, principalmente pelas ações de Mestre Pastinha e Mestre Bimba, afirma Oliveira e Leal (2009), pois “[...] reinventaram a capoeira, reordenando seu lugar na ordem social, tirando-a da esfera do crime para o campo da educação física, antiga reivindicação de parte da primeira geração republicana”, isso na década de 1930, era Getúlio Vargas. Como consequência, décadas depois essas reestruturações mobilizam pessoas que passam a se preocupar mais com a capoeira, pois

Nos anos 1970 e 1980, a nova geração de intelectuais sacode o jogo do conservadorismo e relê os ditos ‘marginalizados’ como sujeitos de sua

história e até da história da nação. Como os autores afirmam, será pelo portal da Antropologia que a Capoeira vai adentrar o salão dos acadêmicos. Uma nova Antropologia que jogou na lata de lixo da história do 'racismo científico' e outros dogmas (OLIVEIRA E LEAL, 2009, pág. 19).

Na Capoeira, assim como no Candomblé, ambos prejudicados pela discriminação e violência contra o patrimônio cultural brasileiro, são resultados da ancestralidade dos africanos vividos no Brasil. Somente no ano de 1937, um marco para a sua emancipação, é que podemos ver essas manifestações extinguindo-se do rol de crimes do Código Penal do país. Dentre diversos fatores que discriminaram a Capoeira, e outras práticas consideradas dos negros, enumeramos o ato de Mestre Bimba ao apresentar a Getúlio Vargas, então presidente da república, a capoeira como Educação Física. Essa atitude deu uma nova representação da capoeira para a sociedade.

Outro fator importante foi a realização do II Congresso Afro-brasileiro, sobre a cultura negra no Brasil, promovendo o diálogo entre estudiosos, agentes de matriz africana na Bahia e órgãos da sociedade. Na ocasião, foram discutidos temas como ações afirmativas que valorizassem a cultura negra no país, o ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana na educação básica, entre outros.

Voltando os olhos para o conhecimento das origens da Capoeira, pode-se debruçar sobre a história do Brasil para a tentativa de desvendar a história omitida nos registros oficiais. Porém, mesmo com um grande acervo destruído por Rui Barbosa, podemos reconstruir a história da capoeira através de reflexões e análises sobre os diversos documentos que, direta ou indiretamente, retratam a história dos negros escravizados e as relações com o poder estabelecido.

Dentre os estudos sobre a capoeira em diversos momentos históricos, podemos destacar as obras: *Capoeiragem e capoeiras célebres*, de Alexandre de Melo Morais Filho, 1893; *A Capoeira*, de Lima Campos, 1906; *Nosso Jogo*, de Coelho Neto, 1928; *Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico*, de Waldeloir Rego, 1968. Podemos destacar também o importante trabalho de Mary Karasch, 1960, *A vida dos escravos no Rio de Janeiro de 1808-1850*, tese de doutorado em História, pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da UEC. Este valioso trabalho, resgatado nos arquivos, faz uma releitura das relações da polícia e os praticantes de

capoeira. Nesta mesma linha de pesquisa, Leila Mezan Algranti, apresenta em 1988, *O feitor ausente: estudos sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro de 1808 a 1822*.

Para os autores, Oliveira e Leal (2009), “[...] os mais importantes títulos da historiografia da escravidão fizeram, direta ou indiretamente, referência aos capoeiras”. Esta observação contribui para a história da capoeira a relação da capoeira com o desenvolvimento da história do Brasil. Destacamos ainda, a pesquisa da relação com arquivos policiais e judiciários, por Karasch, 1960, produzindo o artigo: “O ‘saudável terror’: repressão policial aos capoeiras e resistência dos escravos no Rio de Janeiro no século XIX” (OLIVEIRA E LEAL (2009, pág29).

Ampliando o universo da pesquisa historiográfica da capoeira, o artigo *O império da navalha e da rasteira: a Republica e os capoeiras*, de Marcos Luiz Bretas, faz uma alusão aos mitos da figura do “valentão capoeira e do herói branco”, traduzindo a reprodução ideológica que domina a sociedade. Nos primeiros anos da República, a repressão policial e a chefatura de polícia, formada em sua maioria por brancos, eram considerados inimigo histórico dos capoeiristas, que formavam poderosas “maltas” no final do século XIX, e que, inclusive, estavam a serviço do Partido Conservador.

Os estudos de Luiz Sergio Dias, em “Quem tem medo de capoeira?”, retrata a desarticulação das maltas da capoeira como a “prática de origem negra organizada”. O referido estudo deve-se a leitura do autor do romance “O Cortiço” de Aluísio Azevedo, motivando a pesquisar. É importante também refletir nesta pesquisa acadêmica o papel dos historiadores e também exercitar uma reflexão sobre seus estudos, considerando seus momentos contemporâneos, geográficos, políticos e sociais. Para OLIVEIRA e LEAL (2009, pág.33), “É importante destacar que o historiador não se torna um crítico literário e sim um atento leitor das obras e um questionador da crítica”, afirmam os autores.

Neste mesmo pensamento, podemos refletir a história da capoeira, sobre a ótica da classe dominante. E em especial na história da capoeira nas relações com a Educação Física, a entrada da capoeira no meio acadêmico e na Escola, vai expor a

tensão entre a hegemonia e conservadorismo presente na sociedade. Os resultados destas relações da História da Capoeira são graduais, com avanços e recuos, referente aos avanços que a sociedade brasileira, vem conquistando no dia a dia. Uma importante revisão é “Dos nagoas e guaiamuns: a formação das maltas. A negrada instituição”, com a realização do “mapeamento geográfico das etnias desses capoeiras e a formação histórica das maltas”, por Carlos Eugênio Líbano Soares (1999), citado por OLIVEIRA e LEAL (2009, pág.35). No livro *O jogo da capoeira: corpo e cultura popular no Brasil* de Luis Renato Vieira, 1998, marca a evidente transformação ocorrida no âmbito ritual e gestual da capoeira, afirmam os estudos de OLIVEIRA e LEAL (2009, pág.37).

Diferente do Rio de Janeiro, o relato da história da capoeira, remete ao universo da “cultura da capoeiragem”. Nas diversas obras, tais como *No tempo dos valentões: os capoeiras na cidade da Bahia* de Josival Pires de Oliveira e também de Adriana Albert Dias no livro *Mandinga, manha e malícia: uma história sobre os capoeiras na capital da Bahia de 1910 a 1925*.

Neste conjunto, observa-se que a luta pelo reconhecimento também aconteceu na prática da capoeira paulista e também paraense, conforme as fontes: *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*, de Lília Moritz Shcwarz (2001) e *Deixai a política da capoeiragem gritar: capoeiras e discursos de vadiagem no Pará republicano de 1888 a 1906*, de autoria de Luiz Augusto Pinheiro Leal (2002) e *a Defesa pessoal do negro: a capoeira no Pará*, de Vicente Salles, 1994.

Para os autores Oliveira e Leal, através da história afirma “foi como consequência dessa experiência histórica que a capoeira se tornou símbolo de nacionalidade, juntamente com outras manifestações da cultura afro-brasileira” (2009, pág. 41).

Diversos estudos vêm sendo realizados por diferentes grupos de trabalho em todo o Brasil, envolvendo o IPHAN, órgãos de representações da capoeira, para criação e implantação de diversos programas. Estes reconhecimentos são formas de retratação histórica, tais como

A história da capoeira foi marcada por perseguições policiais, prisões, racismo e outras formas de controle social que os agentes dessa prática cultural experimentaram em sua relação com o Estado brasileiro (OLIVEIRA E LEAL, 2009, pág. 44).

Assim com podemos destacar da mesma forma, que

O conjunto de símbolos da capoeira é que constituem também a formação da identidade nacional. Com a reformulação do conceito de patrimônio, experimentada nas décadas posteriores, o valor cultural, a dimensão simbólica que envolvia a produção das culturas, expressas nos modos de uso dos bens, foi possível a incorporação de uma nova definição de patrimônio (2009, pág. 46).

O “combate aos projetos racialistas e racistas”, tais como combater a teoria da eugenia e do eurocentrismo, também contribuíram para colocar a capoeira reconhecida no contexto da identidade nacional. A postura de intelectuais e artistas, frente às tradições de matrizes africanas, contribuiu para compreender conflitos e fatos históricos que marcaram a trajetória da capoeira da Monarquia a República. Isso desde os diversos interesses políticos e ideológicos que influenciaram a variação dos significados atribuídos a capoeira.

Neste contexto, a capoeira foi criminalizada entre 1890 e 1937. A sua reafricanização e valorização simbólica aconteceu a partir de 1940, e a sua tentativa de esportivização em 1960. A migração de mestres com a portaria do MEC em 1972, até a patrimonialização cultural atual. A luta pela preservação do patrimônio capoeira torna-se presente desde seus primeiros reconhecimentos, com o surgimento da Capoeira Regional, seguida da Capoeira Angola, na década de 30.

A dicotomia entre Regional e Angola, predominante no século XX, tem neste tempo a defesa de uma prática única. Seja atual, Angonal ou contemporânea, a capoeira torna-se expressão única de um patrimônio que tem sua tradição inventada, conforme afirma o historiador britânico Eric Hobsbawn, em *A invenção das tradições*, de 1984, que retrata os momentos de sua prática, conveniente conforme o grupo social que pretende assumir o controle político da manifestação cultural. Novos elementos acrescentam-se a capoeira, desde instrumentos, uniformização, academização, internacionalização e reconhecimento como

patrimônio cultural do Brasil, 118 anos após sua criminalização, em seu processo histórico.

A revisão bibliográfica sobre a história da capoeira nos remete a uma observação nos livros didáticos. É importante compreender que há diferentes histórias da capoeira e da capoeiragem. A partir da década de 1970, surgem reflexões sobre a abordagem da história escrita e ensinada da capoeira, prejudicando uma ampla compreensão do contexto, privilegiando uma historiografia em detrimento da criminalização de outra. Evidenciando e reproduzindo estereótipos das figuras sociais que compõe o universo histórico.

Por isso, para OLIVEIRA e LEAL (2009, pág. 65), “[...] esta situação compromete a aprendizagem da história dos grupos sociais marginalizados, como disciplina que interage no processo de formação da opinião crítica do cidadão e cidadã, brasileiros”.

A partir de 1990 o livro didático passou por modificações qualitativas, valorizou as experiências das minorias sociais. Uma reflexão iniciada pela Escola dos Annales, na França em 1929, promovendo uma *revolução historiográfica*. No Brasil, Guilherme Mota, em 1980, foi o primeiro a reelaborar, o ensino de História de 1º e 2º graus, atuais ensino fundamental e médio.

A história da capoeira é pouco ou nunca consultada, pelos professores e alunos, o que compromete o conhecimento sobre essa prática cultural. Uma prática comum em diferentes valores da africanidade brasileira, como exemplo, a manifestação religiosa do candomblé.

Para compreender a história da capoeira, temos que fazer uma reflexão sobre a transmissão dos conteúdos, neste recorte de estudos, o livro didático. O livro didático é um instrumento difusor de preconceitos sobre os quais os professores, na maioria das vezes, não estão preparados para trabalhar. Por outro lado, existe a dificuldade do educador em construir conhecimentos, por não estar instrumentalizado para aprofundar-se no conteúdo.

Na busca de compreensão da história, conforme indica os autores,

O registro do fato não é o bastante e sim a reflexão que busque compreender esses fatos construídos, como expressão das lutas e da consciência histórica dos homens e mulheres que vivem a partir de relações conflituosas em função das necessidades que constroem (TOLEDO, 1999).

A reflexão sobre os valores de cada época, segundo E.P. Thompson, afirma que devemos considerar os seus significados para o tempo presente. Estes valores que, no livro didático, os capoeiristas, são vítimas de estereótipos e de preconceitos reproduzidos. A comunidade de capoeiras participou ativamente de todo o processo social e político nacional. Com a revisão bibliográfica, compreendemos que os capoeiras e a história da capoeira, devem retratar as experiências culturais e cotidianas, que interagiram e interagem no processo histórico da sociedade brasileira, como afirma OLIVEIRA e LEAL, (2009, pág. 68), deixando o desafio para professores, historiadores e agentes culturais, repensar o lugar da capoeira nos manuais escolares.

Compreender as relações da Capoeira na Educação Física Escolar, requer uma breve revisão do processo de escravidão no Brasil e suas consequências. A escravidão foi a base de sustentação da economia brasileira até o final do Império. A escravidão indígena foi apropriada pelos colonizadores portugueses, por ocasião das constantes guerras intertribais. Assim foram usadas pelos colonos no estabelecimento de alianças que favoreciam tanto os interesses dos colonos como os dos próprios índios. Os portugueses, com estas alianças, obtinham mão de obra, através da tradição tupi do "cunhadismo", com a aquisição de "índios de corda" e de um exército aliado poderoso.

As guerras constantes entre as tribos e a inimizade entre os principais grupos foram aproveitadas pelos europeus. Assim, os portugueses ficaram amigos dos tupiniquins, que eram os grandes inimigos dos tamoios e dos tupinambás, os quais se tornaram aliados dos franceses, que tentavam invadir o domínio dos portugueses. No sul do país, aconteceu a mesma coisa: os grupos tupis se associaram aos portugueses, e os guaranis aos espanhóis. Os portugueses dividiam os índios em dois grupos: os "índios mansos" e os "índios bravos". Os índios "bravos" eram inimigos, faziam alianças com europeus inimigos, eram considerados estrangeiros,

justificando as chamadas "guerras justas". Os índios "mansos" eram os aliados dos portugueses, eram fundamentais para o fortalecimento dos portugueses, eram vassallos do Rei de Portugal e defensores das fronteiras do Brasil português. Os índios aldeados não apenas participaram dos combates, como forneceram as armas e a tática de guerra. A metáfora dos "muros" e "baluarte" usada pelos portugueses para designar os índios aliados, significando proteção, foi repetida ao longo de toda época colonial.

A escravidão no Brasil foi marcada principalmente pelo uso de escravos vindos do continente africano, mas é necessário ressaltar que muitos indígenas foram vítimas desse processo. Os escravos foram utilizados principalmente em atividades relacionadas à agricultura – com destaque para a atividade açucareira – e na mineração, sendo assim essenciais para a manutenção da economia. Alguns deles desempenhavam também vários tipos de serviços domésticos e urbanos. A escravidão só foi oficialmente abolida no Brasil com a assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888. No entanto, o trabalho compulsório e o tráfico de pessoas permanecem existindo no Brasil atual, a chamada escravidão moderna, que difere substancialmente da anterior.

Os quilombos constituíram-se em locais de refúgio dos escravos africanos e afrodescendentes em todo o continente americano. Eram entendidos pelo Conselho Ultramarino do governo português em 1740 como todo "agrupamento de negros fugidos que passe de cinco, ainda que não tenham ranchos levantados em parte despovoada nem se achem pilões neles". A definição antropológica da Associação Brasileira de Antropologia de 1989 para esse agrupamento é: toda comunidade negra rural que agrupe descendentes de escravos, vivendo de cultura de subsistência e onde as manifestações culturais têm forte vínculo com o passado.

No Brasil, abrigavam também minorias indígenas e brancas. Ao longo da América, tinham diversas denominações: cimarrones em algumas partes da América espanhola; palenques em Cuba (1677, 1785 e 1793) e Colômbia (1600); Maroons na Jamaica (1685) e Suriname (1685 com a fuga do seu fundador); marrons no Haiti (1665, independente em 1804); Cumbes na Venezuela (1552, 1763, 1765) (CARVALHO, 1996); quilombos e mocambos no Brasil.

Os escravos fugiam das fazendas entre os séculos XVI e XIX, e se abrigavam nos quilombos para se defenderem da escravidão e resgatarem a cosmo-visão africana e os laços de família perdidos com a escravização. Neles, existiam manifestações religiosas e lúdicas, como a música e a dança. O mais famoso deles na história do Brasil foi o de Palmares. Denominam-se "quilombolas" os habitantes dos quilombos. Atualmente, as comunidades quilombolas passam por um processo de reconhecimento legal de sua existência por parte dos governos nacionais e das organizações internacionais.

As senzalas eram grandes alojamentos que se destinavam à moradia dos escravos nos engenhos e fazendas do Brasil colônia e do Império do Brasil entre os séculos XVI e XIX. Na Etimologia, "Senzala" se originou do termo quimbundo sanzala através de dissimilação. A origem do termo é africana, valendo o mesmo que "morada", "habitação". É termo conhecido desde a segunda metade do século XVI. Era o que Joaquim Nabuco dizia ser "o grande pombal negro". Sempre, em sua frente, havia um grande tronco com uma corda para enforcar e surrar negros, chamado de pelourinho. Como os negros eram considerados pelos europeus como amaldiçoados por Deus e seres sem alma, os donos de fazenda achavam-se no direito de castigá-los pois acreditavam que, fazendo isso, ganhariam uma bênção de Deus. Além de, com isso, colocar medo nos escravos, já que todos os castigos eram feitos em frente de todos os habitantes da senzala. As senzalas tinham grandes janelas com grandes grades e seus moradores só saíam de lá para trabalhar, apanhar e ir à missa.

Os escravos praticamente sempre dormiam em palha ou em chão duro de terra batida. Os homens viviam separados das mulheres e das crianças. Elas existiram durante toda a fase de escravidão (entre os séculos XVI e XIX) e eram construídas dentro da unidade de produção (engenho, mina de ouro e fazenda de café). As senzalas eram galpões de porte médio ou grande em que os escravos passavam a noite. Muitas vezes, os escravos eram acorrentados dentro das senzalas para se evitar as fugas. Costumavam ser rústicas, abafadas (possuíam poucas janelas) e desconfortáveis. Eram construções muito simples feitas geralmente de madeira e barro e não possuíam divisórias.

Atualmente, algumas fazendas do interior do Brasil preservaram estas senzalas, que, hoje, são visitadas como pontos turísticos. Elas mostram um aspecto muito importante da história do país: a crueldade com que os africanos foram tratados durante séculos no Brasil. Atualmente, algumas antigas fazendas de café situadas na Região Sudeste do Brasil ainda conservam senzalas que podem ser visitadas por turistas. No Vale do Paraíba, há numerosas sedes de propriedades rurais utilizadas para a filmagem de telenovelas, sobretudo nos municípios fluminenses de Vassouras, Valença e Cantagalo.

Para compreender a história da capoeira, torna-se importante compreender o processo social, político e econômico em que o negro escravizado vivia tão quanto o arsenal de cultura que trazia com suas tradições. A Lei Áurea, oficialmente Lei Imperial n.º 3.353, sancionada em 13 de maio de 1888, foi o diploma legal que extinguiu a escravidão no Brasil. Foi precedida pela lei n.º 2.040 (Lei do Ventre Livre), de 28 de setembro de 1871, que libertou todas as crianças nascidas de pais escravos, e pela lei n.º 3.270 (Lei Saraiva-Cotegipe), de 28 de setembro de 1885, que regulava "a extinção gradual do elemento servil".

O processo de abolição da escravatura no Brasil foi gradual e começou com a Lei Eusébio de Queirós de 1850, seguida pela Lei do Ventre Livre de 1871, a Lei dos Sexagenários de 1885 e finalizada pela Lei Áurea em 1888. O projeto de lei que extinguiu a escravidão no Brasil foi apresentado à Câmara Geral, atual Câmara dos Deputados, pelo ministro da Agricultura da época, Rodrigo Augusto da Silva, em 8 de maio de 1888. Foi votado e aprovada nos dias 9 e 10 de maio, na Câmara Geral.

A Lei Áurea foi apresentada formalmente ao Senado Imperial por Rodrigo Augusto da Silva em 11 de maio. Foi debatida nas sessões dos dias 11, 12 e 13 daquele mês. Foi votada e aprovada, em primeira votação em 12 de maio. Foi votada e aprovada em definitivo, um pouco antes das treze horas, no dia 13 de maio de 1888, e, no mesmo dia, levada à sanção da princesa regente do Brasil Dona Isabel. No domingo de 13 de maio, dia comemorativo do nascimento de D. João VI, foi assinada por sua bisneta Dona Isabel, e Rodrigo Augusto da Silva a lei que aboliu a escravatura no Brasil. O Conselheiro Augusto da Silva fazia parte do Gabinete de

Ministros presidido por João Alfredo Correia de Oliveira, do Partido Conservador e chamado de "Gabinete de 10 de março". Dona Isabel sancionou a Lei Áurea, na sua terceira e última regência, estando o Imperador D. Pedro II em viagem ao exterior. Foi assinada no Paço Imperial por Dona Isabel e por Rodrigo Augusto da Silva às três horas da tarde do dia 13 de maio de 1888.

O Brasil foi o último país independente do continente americano a abolir completamente a escravidão. O último país do mundo a abolir a escravidão foi a Mauritânia, somente em 9 de novembro de 1981, pelo decreto n.º 81.234.

A história da capoeira, remonta as raízes africanas, começa no século XVI, na época em que o Brasil era colônia de Portugal. A mão-de-obra escrava africana foi muito utilizada no Brasil, principalmente nos engenhos (fazendas produtoras de açúcar) do nordeste brasileiro. Muitos destes escravos vinham da região de Angola, também colônia portuguesa. Os angolanos, na África, faziam muitas danças ao som de músicas. Ao chegarem ao Brasil, os africanos perceberam a necessidade de desenvolver formas de proteção contra a violência e repressão dos colonizadores brasileiros. Eram constantemente alvos de práticas violentas e castigos dos senhores de engenho. Quando fugiam das fazendas, eram perseguidos pelos *capitães-do-mato*, que tinham uma maneira de captura muito violenta.

Os senhores de engenho proibiam os escravos de praticar qualquer tipo de luta. Logo, os escravos utilizaram o ritmo e os movimentos de suas danças africanas, adaptando a um tipo de luta. Surgia assim a capoeira, uma arte marcial disfarçada de dança. Foi um instrumento importante da resistência cultural e física dos escravos brasileiros. A prática da capoeira ocorria em terreiros próximos às senzalas (galpões que serviam de dormitório para os escravos) e tinha como funções principais à manutenção da cultura, o alívio do estresse do trabalho e a manutenção da saúde física. Muitas vezes, as lutas ocorriam em campos com pequenos arbustos, chamados na época de capoeira ou capoeirão. Do nome deste lugar surgiu o nome desta luta.

Até o ano de 1930, a prática da capoeira ficou proibida no Brasil, pois era vista como uma prática violenta e subversiva. A polícia recebia orientações para

prender os capoeiristas que praticavam esta luta. Em 1930, um importante capoeirista brasileiro, mestre Bimba, apresentou a luta para o então presidente Getúlio Vargas. O presidente gostou tanto desta arte que a transformou em esporte nacional brasileiro.

A capoeira possui três estilos que se diferenciam nos movimentos e no ritmo musical de acompanhamento. O estilo mais antigo, criado na época da escravidão, é a capoeira angola. As principais características deste estilo são: ritmo musical lento, golpes jogados mais baixos (próximos ao solo) e muita malícia. O estilo regional caracteriza-se pela mistura da malícia da capoeira angola com o jogo rápido de movimentos, ao som do berimbau. Os golpes são rápidos e secos, sendo que as acrobacias não são utilizadas. Já o terceiro tipo de capoeira é o contemporâneo, que une um pouco dos dois primeiros estilos. Este último estilo de capoeira é o mais praticado na atualidade.

Em 26 de novembro de 2014, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura), declarou a roda de capoeira como sendo um patrimônio imaterial da humanidade. De acordo com a organização, a capoeira representa a luta e resistência dos negros brasileiros contra a escravidão durante os períodos colonial e imperial de nossa história. No dia 3 de agosto o Dia do Capoeirista.

Na época em que os portugueses começaram a colonização do Brasil, não existia mão-de-obra para a realização de trabalhos manuais. Diante disso, eles procuraram usar o trabalho dos índios nas lavouras; entretanto, esta escravidão não pôde ser levada adiante, pois os religiosos católicos se colocaram em defesa dos índios condenando sua escravidão. Assim, os portugueses passaram a fazer o mesmo que os demais europeus daquela época. Eles foram à busca de negros na África para submetê-los ao trabalho escravo em sua colônia. Deu-se, assim, a entrada dos escravos no Brasil. De acordo com historiadores, entre 1530 e 1850, cerca de 12 milhões de negros africanos foram trazidos para o Brasil para trabalharem como escravos.

No processo de abolição da escravatura no Brasil, os negros, trazidos do continente Africano, eram transportados dentro dos porões dos navios negreiros. Devido as péssimas condições deste meio de transporte, muitos deles morriam durante a viagem. Após o desembarque eles eram comprados por fazendeiros e senhores de engenho, que os tratavam de forma cruel e desumana. Apesar desta prática ser considerada “normal” do ponto de vista da maioria, havia aqueles que eram contra este tipo de abuso. Estes eram os abolicionistas (grupo formado por literatos, religiosos, políticos e pessoas do povo); contudo, esta prática permaneceu por quase 300 anos. O principal fator que manteve a escravidão por um longo período foi o econômico. A economia do país contava somente com o trabalho escravo para realizar as tarefas da roça e outras, tão pesadas quantas estas. As providências para a libertação dos escravos deveriam ser tomadas lentamente.

A partir de 1870, a região Sul do Brasil passou a empregar assalariados brasileiros e imigrantes estrangeiros; no Norte, as usinas substituíram os primitivos engenhos, fato que permitiu a utilização de um número menor de escravos. Já nas principais cidades, era grande o desejo do surgimento de indústrias. Visando não causar prejuízo aos proprietários, o governo, pressionado pela Inglaterra, foi alcançando seus objetivos aos poucos. O primeiro passo foi dado em 1850, com a extinção do tráfico negreiro. Vinte anos mais tarde, foi declarada a Lei do Ventre-Livre (de 28 de setembro de 1871). Esta lei tornava livres os filhos de escravos que nascessem a partir de sua promulgação.

Em 1885, foi aprovada a lei Saraiva-Cotegipe ou dos Sexagenários que beneficiava os negros de mais de 65 anos. Foi em 13 de maio de 1888, através da Lei Áurea, que liberdade total finalmente foi alcançada pelos negros no Brasil. Esta lei, assinada pela Princesa Isabel, abolia de vez a escravidão no Brasil.

Após a abolição, a vida dos negros brasileiros continuou muito difícil. O estado brasileiro não se preocupou em oferecer condições para que os ex-escravos pudessem ser integrados no mercado de trabalho formal e assalariados. Muitos setores da elite brasileira continuaram com o preconceito. Prova disso, foi a preferência pela mão-de-obra europeia, que aumentou muito no Brasil após a abolição. Portanto, a maioria dos negros encontrou grandes dificuldades para

conseguir empregos e manter uma vida com o mínimo de condições necessárias, moradia e educação principalmente.

Dia 23 de agosto é o Dia Internacional em Memória do Tráfico de Escravos e sua Abolição. Antes de ser assinada pela Princesa Isabel, a Lei Áurea foi aprovada no Senado com apenas um voto contrário. Na Câmara dos Deputados a lei teve 83 votos favoráveis (de um total de 92). O Brasil, na condição de país livre foi o último a acabar com a escravidão.

As grandes mudanças que ocorrem no cenário sociopolítico, apesar de aos olhos de alguns parecerem, não acontecem do dia para a noite, são consequentes de um processo. A abolição da escravidão, a Proclamação da República, a perseguição dos capoeiristas, tudo ocorreu paulatinamente. Quando a família real chegou ao Brasil (1808) começou o processo de repressão da cultura negra (a destruição da cultura de um povo o faz fragilizado e mais manipulável).

Em 1809, foi criada a Guarda Real da Polícia na qual Major Miguel Nunes Vidigal foi verdadeiro terror dos capoeiristas, perseguia-os na tentativa de exterminá-los. Apesar dos castigos, os capoeiristas resistiam bravamente e em 1824, a punição tornou-se pior: além das trezentas chibatadas eram enviados por meses para realizar trabalhos forçados na ilha das Cobras. A partir da segunda metade do século XIX (1850), começaram a ocorrer sucessivas prisões de capoeiristas, os quais estavam formando maltas que aterrorizavam a população e os governantes. Os principais focos da capoeira eram: Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco.

No entanto, no Rio de Janeiro é que a capoeira era motivo de maior preocupação (mesmo porque o Rio era a capital do país na época), era onde estava a maior concentração das maltas, sendo as mais temíveis, os Guaiamus e os Nagôs. Os Nagôs eram ligados aos monarquistas do Partido Conservador, agiam na periferia, e os Guaiamus eram ligados aos Republicanos do Partido Liberal, controlavam a região central da cidade.

A partir de 1870, algo estranho começou a acontecer. Apesar de cada vez mais perseguida e marginalizada, a capoeira, ao contrário do que muitos pensam,

ganhava adeptos das camadas sociais mais altas; intelectuais, policiais, estrangeiros e pessoas da elite, que treinavam “às escondidas”. A história da capoeira sempre foi complexa e cheia de ambiguidades, principalmente no século XIX. Apesar da repressão que sofria, quando interessava, servia também de instrumento nas mãos dos políticos. Ora para os liberais, ora para os conservadores. Um exemplo é a guarda Negra, criada em 1888 por José do Patrocínio, composta por negros capoeiristas que tinham objetivo de defender a monarquia e lutar contra a república (após a libertação dos escravos os capoeiristas ficaram ainda mais a favor da monarquia como agradecimento à Princesa Isabel por ter assinado a Lei Áurea).

Quando a República é proclamada (1889) por Marechal Deodoro da Fonseca uma das primeiras providências do governo provisório é o banimento da Família Imperial e extermínio total dos capoeiristas. Dois dias após a Proclamação, D. Pedro II deixou o país com toda a sua família. Para cuidar da questão dos capoeiristas o presidente nomeou o bacharel Sampaio Ferraz para chefe de polícia e encarregou de eliminar todos os capoeiristas. Para auxiliar nesse combate fez uma mudança no código criminal.

No decreto 847 de 1890 é intitulado “Dos vadios capoeiras”, capítulo XII: Artigo 402: Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação de capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou inculcando temor de algum mal. Pena: prisão celular de dois a seis meses. Parágrafo único: É considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a algum bando ou malta. Aos chefes e cabeças, impor-se-á pena em dobro.

No final do século XIX e início do século XX o maior foco de preocupação com os capoeiristas ainda era o Rio de Janeiro. Na Bahia muitas maltas de capoeira foram desmanteladas quando ocorreu a Guerra do Paraguai (1865 – 1870); centenas de escravos capoeiristas foram enviados para os batalhões de frente com a promessa de liberdade quando voltassem. Em Pernambuco, aos poucos, a tradição da capoeira foi dando lugar ao frevo. Mas no Rio de Janeiro a capoeira continuava firme e forte.

Se no período Imperial os capoeiristas não conseguiam ser exterminados, na República Sampaio Ferraz estava mesmo decidido a destruí-los, não importando se

fossem estrangeiros, intelectuais ou de origem nobre. Certa vez chegou a prender o capoeirista José Elísio do Reis, conhecido como Juca Reis, nobre, filho do Conde de Matosinhos, proprietário do jornal O País, que na época era redigido por Quintino Bocaiúva, ministro das Relações Exteriores. A família, após fracassar na tentativa de libertar Juca, recorreu ao amigo Bocaiúva. O ministro disse a Deodoro que se não libertassem Juca pediria demissão do governo. Sob ameaça da demissão de Sampaio Ferraz, caso Juca Reis fosse solto, Deodoro optou por dar a Juca o mesmo destino dados aos outros capoeiristas; o enviou para Fernando de Noronha e depois o deportou para Portugal. Bocaiúva pediu demissão, mas Deodoro, com sua astúcia conseguiu, após inúmeras reuniões, fazer com que o ministro permanecesse no governo.

2.2 A CAPOEIRA NOS SÉCULOS XX E XXI

A Capoeira chega ao século XXI com novo status, conquistou o mundo no século XX e busca estabelecer seu espaço em vários campos de atuação. Através de diversas ações afirmativas promovidas no campo da cidadania. A Capoeira com uma expressão simbólica da identidade brasileira e não fica estática. As várias leis estabelecem ações afirmativas para integrar e incluir, reconhecer e valorizar a comunidade afrodescendente e reconhecer a sua contribuição na construção deste país.

A História da Capoeira integrada a História do Brasil, busca afirmar suas origens desde a Capoeira Angola, segundo CAMPOS (2003, pág.19), passando pela Capoeira Regional. Em diversos estudos reconhece a diversidade e complexidade que tem por desafio de se reescrever sua história. Desde o termo “Capoêra” atribuído por Visconde de Porto Seguro ou “Caapoêra” indicado por J. Barbosa Rodrigues no seu livro “Paranduba Amazonense”, citado por CAMPOS (2003, pág 21), que citamos entender que Capoeira, também é um local de mato cortado, roça velha, que podemos considerar o espaço do jogo, da roda onde eram jogados, com mandingas, manhas e malícias. Também reconhece a complexidade que também

pode ter influências indígenas, conforme indica Henrique Beaurepaire Rohan, ao atribuir o termo tupi “Co-puera” ou “Caa-Apuam-era” proposto em 1865, por José de Alencar no livro Iracema.

2.2.1 Os estilos de capoeira

Considerando desde o período colonial a Capoeira embrionária, baseada nas suas lutas contra opressão dos senhores de engenho e outras violências, constitui na Capoeira Angola suas bases, com movimentos lentos, jogados, ritualísticos, amplia as atividades com o advento da própria repressão, necessitando se reinventar. Mas neste novo desafio as bases da Capoeira Regional já no início do séc. XX. Com influência de várias atividades da Educação Física e práticas militares, resgatadas também das experiências passadas. Esta nova roupagem se estabelece em paralelo durante o século XX, em diversos momentos da história integrando-se e separando-se, fortalecendo em cada momento as suas raízes complexas na cultura afro-brasileira.

Entre as diversas divergências, filosóficas, plásticas e culturais, a Capoeira se renova com o surgimento do aprimoramento para o novo século XXI que se aproxima. Os anos 90 foram saudáveis para o desenvolvimento destes caminhos que descobriu-se a Educação Física como uma grande aliada da Capoeira. Surge a Capoeira Contemporânea no século XXI, integrando todos os conhecimentos acumulados de todos os mestres tradicionais, reconhecendo também novos conhecimentos técnicos atuais da sociedade moderna do séc. XXI. Atualmente na Capoeira, podemos considerar única de um modo generalizado, mantendo suas características particulares conforme suas regionalidades, seus mestres, seus grupos, suas heranças práticas e manifestações culturais.

Acredita-se que o século XXI, será um complexo no desafio da busca por uma unidade que fortaleça a capoeira como uma modalidade de Arte-Esporte independente. Para Nestor (2010) atualmente há vários estilos de capoeira, entre as

quais as tradicionais são Angola e Regional, resultado de anos de aprimoramento de Mestre Bimba e Mestre Pastinha, na Bahia, no início do Século XX.

Confundindo-se com a História do Brasil, a Capoeira, apresenta por meio do Jogo, a roda, a malícia, conforme descreve Nestor (2010), níveis do jogo, também os níveis dado ao indivíduo. Descreve o Ego, Super Ego e Id, um jogo de guerreiros, que deve manter os três níveis em equilíbrio. O primeiro nível – relacionado ao corpo, a luta, a dança a competição. No segundo nível, vem a malícia, compreender a vida, as pessoas, sofrimentos e motivações, o que afirma Nestor (2010, pág. 24), - fantasias dos seres humanos. Vencer ou perder não são importantes, o importante é vadiar. A Capoeira é uma escola de sabedoria.

E o terceiro nível, o mistério revelado do jogo da vida, o conhecimento só chega para quem somente conquistar dez, vinte, trinta anos, ao tornar-se mestre, afirma Nestor (2010). Este mistério é possível desvendar com a compreensão das origens da capoeira, a escravidão, a sua trajetória de marginalização, a sua transformação para ocupar as academias. E com a uniformização da capoeira na década de 70, promovendo novos rumos, conquistando o Brasil. Na década de 80 e 90 novas perspectivas vão promovendo a Capoeira que forma as bases para conquistar o mundo.

A capoeira é muito mais. A capoeira é berimbau, é *roda*, é *canto*, é *mandinga*, é *dança*, é *malícia*, é *mito*, é *ritual*, é *vadiagem*.¹ Em relação a Educação Física Escolar, torna-se uma oportunidade para adentrar no sistema de ensino, garantido pelas leis vigentes, para ampliar a atuação da capoeira no Brasil.

¹ Quanto aos termos **Mandinga**: representa a habilidade do capoeirista em surpreender (enganar) o oponente, **Vadiagem**: jogar descontraidamente, usar o espaço da roda para uma espécie de confraternização entre os praticantes, **Malícia**: significa “a habilidade de surpreender o adversário, de fechar-se e evitar ser apanhado pelo o outro”, **Ritual**: é a forma que se inicia a roda, algo tradicional, como por exemplo na capoeira angola, só inicia o jogo após o toque do berimbau, canto da ladainha e resposta do coral, **Mito**: são narrativas utilizadas para explicar fatos da realidade e fenômenos da natureza.

2.3 CAPOEIRA E EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA: PRIMEIRAS RELAÇÕES

A configuração antagônica, a trajetória histórica da Educação Física e da Capoeira nos currículos enfrentando os valores hegemônicos e a visão conservadora. Para compreender a “Capoeira e a importância deste conhecimento complexo junto ao sistema de educação”, será necessário recorrer aos fundamentos básicos que são alicerces para deparar com a construção histórica que vem desenvolvendo-se ao longo dos anos por todos os capoeiristas nas suas “vadiagens”. Joga-se Capoeira no contexto escolar, “gira mundo” para fazermos a reflexão, nas respostas das relações da capoeira e educação física nos programas de ensino. Podemos afirmar que a Capoeira se estabelece gradualmente nos programas de ensino, desde a década de 80.

Há várias concepções sobre o universo do programa de capoeira, estabelecido em todo o país. É notório que a prática corporal sistematizada da Capoeira para atender os programas junto a Educação Física, ainda demonstra-se conflituosa. Podemos afirmar com precisão que esta relação deve-se a complexidade que a Capoeira apresenta-se como um conhecimento aberto e múltiplo. Esta diversidade de concepções faz com que a Capoeira torne-se rica, potencializando ainda mais seus mecanismos de pluralidades de interseções.

Cada aluno, professor, diretor, mestre de capoeira ou público, terão diversas visões e concepções sobre a prática da capoeira. Entretanto a Capoeira com seu rico arsenal de elementos artístico-culturais também trás a simplicidade como marca registrada e “DNA”, identidade que a torna única. Os princípios que garantem a Capoeira ser Capoeira são o conjunto de signos que entre si tornam-se um. Podemos considerar a Capoeira uma integração rítmica do corpo com movimentos, musicados, ritmados. Utiliza o corpo e instrumentos musicais artesanais, com expressão de movimentos que na mecânica corporal desafiam as habilidades e as inteligências corporais com uma forma lúdica.

Através do jogo, a luta, reconstruindo no subconsciente a reconstrução histórica da cidadania. A Capoeira através da sua prática contemporânea conquistou o mundo, tornando-se expressão pedagógica da liberdade. A pratica da capoeira,

torna-se um desafio didático-pedagógico impossível tentar sistematizá-la para engessá-la. Capoeira é na essência pedagogicamente o conhecimento da liberdade.

Ao longo dos anos, desde os anos 80 a Educação Física tornou-se a mais eficiente aliada da Capoeira para fundamentar seus elementos e características. Não invalidamos os fundamentos da Educação Física e todo o contexto contemporâneo de desenvolvimento. Afirmamos que a Capoeira tem demonstrado ao longo dos anos de resistência um rico potencial complexo e desafiador tanto no campo da Educação como no campo da Arte. A sua complexidade tem marcado significativamente desde os primeiros contatos da capoeira com as instituições de ensino, já afirmava Falcão (1996), que

[...] a capoeira está vinculada a contundentes fatos e episódios da histórica do Brasil que, certamente, lhe concedem a peculiaridade de poder agregar de forma bastante inter-relacionada aspectos históricos, socioeconômicos e culturais que se refletem e se reatualizam na sua própria prática (Falcão, 1996).

Em contraponto a Educação Física, a capoeira “[...] está restringida por uma legalidade discutível, uma vez que ao realizar-se na prática, ela discrimina” (FALCÃO, 1996, pág. 55). Ao contrário da capoeira, que é expressão da liberdade, seja filosófica ou prática, com a leveza de suas linguagens do corpo, seja na disciplina musico-rítmica.

Podemos evidenciar a falta de oportunidades a população, sobre o conhecimento da Educação Física. E reforça indiretamente a importância da capoeira como conhecimento popular livre a disposição para toda a população de todas as idades e classes sociais, quando afirma “Em outras palavras, mesmo que por força de leis a Educação Física seja para todos, nem todos conseguem usufruir de seus benefícios.

A Capoeira nasce entre as massas populares e observamos que encontrou refúgio seguro na Educação Física, especialmente na década de 80, com o “[...] empenho de vários profissionais da área que, mediante o enfraquecimento do regime militar” (FALCÃO, 1996, pág. 56). Neste contexto, a Educação Física

Popular, ou Movimento Operário e Popular, como chama Guiraldelli Junior (1998) respalda-se na prática que a Capoeira já executa desde sua origem.

Em Desenvolvimento os pontos e contrapontos da Capoeira na Educação Física e o primado da vadiação. Consideramos os aspectos das grandes influências da Educação Física, na prática da Capoeira há tanto críticas, questionamentos e também oportunidades de normatizações e controle do Estado. Em torno deste debate, observamos de acordo com Falcão (1996, pág. 67) que “A capoeira é uma manifestação da cultura brasileira relativamente autônoma, assim como os esportes e a dança, que vem paulatinamente sendo incorporada pela Educação Física”, afirma o autor.

A Capoeira Regional a partir dos anos 30 incorporou os códigos da Educação Física Militarista, Falcão (1996, pág. 68). As influências, ao longo da história, vem marcando os passos da Capoeira, seja disciplinando, alterando, assimilando e transformando esta arte. A cada período histórico a Capoeira se refaz e se transforma renovando suas raízes, para manter-se viva e conservando suas características.

A relação Capoeira e Educação Física, se aproximam e se destoam, entretanto considerando uma reflexão a luz das ciências naturais contemporâneas, considerando a diversidade, a multiculturalidade, esta complexidade, coexiste harmonicamente, evidenciando os paradigmas no campo das relações humanas e sociais. Conforme estudos, “[...] a imprevisibilidade de uma roda de capoeira mostra claramente a dificuldade de abordá-la à luz de categorias pré-concebidas” (FALCÃO, 1996, pág. 69).

A Capoeira na Escola, tudo pode, nas instituições de ensino, respeitando um compromisso com a historicidade. Entretanto as suas “[...] características extrínsecas, a ela atribuída pelos seus seguidores e usuários dominantes (numérica ou socialmente), é que vão delimitar os seus códigos predominantes” (FALCÃO, 1996). Mesmo que ela seja tratada como um resultado da Educação Física, podemos refletir que

A capoeira deve ser tratada como uma manifestação da cultura, e como tal, em constante transformação, onde o processo (criação e recriação) deve

ser encarado como mais importante que o produto (o usufruto, o espetáculo) (FALCÃO, 1996, pág. 72).

Compreendemos a reflexão de FALCÃO (1996), que nos remete a direção da Capoeira como um conhecimento independente que pode ser implantado no sistema de ensino, seja na Escola, nas atividades da sala de Aula, ou mesmo na Educação Física Escolar. Não se omite em defender as suas características básicas que a tornam única. Reforça seu pensamento com a afirmação sobre “A dinâmica da capoeira deve ser vista de forma dialética, onde os valores do passado devem ser resgatados seletivamente no presente de forma a poder contribuir para a construção de novos caminhos”.

Podemos afirmar, segundo reflexões dos estudos de FALCÃO (1996), que a mensagem da capoeira é libertária. Promover uma reflexão criteriosa intelectual e teórica sobre suas técnicas, seus rituais, e seus condicionantes históricos e fundamentos. Para o movimento corporal humano (TAVARES, 1984, p.153), cita “[...] pode-se ler a história da repressão e emancipação do negro brasileiro”.

A roda de capoeira, através do seu primado da vadiação, através de suas características únicas, seja na rua, na praça, na escola ou nas instituições, continua ser “capoeira”. E sendo capoeira é complexa, ampla, dinâmica, e reflete a expressão de libertação, histórica de indivíduos, portanto é um conhecimento de poder. A capoeira é libertária, conforme FALCÃO (1996, pág. 143) “[...] os fundamentos pedagógicos norteadores da prática da capoeira na escola devem privilegiar a ludicidade, a espontaneidade, a impressividade (consciência corporal), a expressividade (expressão corporal) a criatividade, a socialização e a formação crítica”.

A Educação Física e a Capoeira, nos currículos escolares, enfrentam os valores hegemônicos e a visão conservadora. O conhecimento complexo e a construção histórica, a reafirmação libertária através das suas rodas de capoeiras, nas suas “vadiagens” mantém a capoeira viva. Dentre várias concepções, a prática da Capoeira junto a Educação Física, apresenta na Escola mecanismos de pluralidades de interseções. A Capoeira através da sua prática tornando-se

expressão pedagógica da liberdade. Torna-se também um desafio didático-pedagógico impossível tentar sistematizá-la para engessá-la.

Capoeira é na essência pedagogicamente o conhecimento da liberdade, impossível de separá-la da história do Brasil. Mesmo sofrendo diversas influências, a Capoeira, se renova, preservando as suas raízes. Na relação Educação Física Escolar e Capoeira, busca-se respeitar a diversidade e por força de lei, coexistir harmonicamente com outros conhecimentos. Requer que capoeiristas, professores e o sistema educacional reconheça em larga escala a importância da capoeira e o seu contexto histórico eliminando os preconceitos e entraves presentes na sala de aula, na personalidade dos professores, nos programas pedagógicos, no universo das escolas, comunidades e sociedade. A capoeira conquistando capoeiras que promovam a sua expressão de libertação, histórica de indivíduos, poderá tornar-se um conhecimento libertário para construção da cidadania, assim compreendemos FALCÃO (1996).

2.4 O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DA CAPOEIRA

A capoeira historicamente vem transformando-se empiricamente com o desenvolvimento social do Brasil, com a evolução sócio política da nação. Enfrentou diversas fases fundamentais para agregar seu rico arsenal cultural, ora capoeira foi utilizada politicamente pelo poder vigente, ora marginalizada atingindo sua maturidade no período republicano. As maltas transformavam-se em verdadeiras instituições de caráter político e para militar e formava as bases armadas dos partidos políticos, Conservador e Liberal do regime monarquista no Rio de Janeiro (Bretas, 1991 Apud Falcão pag. 28).

A escolarização da capoeira vem como uma solução idealizada por Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba), acompanhando o desenvolvimento social do esporte no país. Na década de 40 o Brasil inicia novo desenvolvimento sócio econômico, deixando de ser apenas um país rural e inicia a era industrial provendo o

desenvolvimento sócio educacional e econômico. Neste período a capoeira segue os métodos da educação física que a exemplo das escolas militares da época que segue as técnicas de treinamento.

Tendências do espírito autoritária da época:

Os dois principais fatos históricos que mudaram os rumos da capoeira no Brasil (a criação da Regional e sua regularização desportiva) aconteceram na época em que predominava as Tendências Militarista e competitivista, respectivamente (FALCÃO, pag 69).

O processo de escolarização da capoeira surge entre a década de 30 e 40 com aprimoramento da capoeira de rua com mestre bimba. Historicamente este é um marco para capoeira embrionária desde os tempos da escravidão que marcou sua origem. A parti desta nova fase a capoeira conquista a academia e gradualmente o mundo. Vale apenas registrar que em período próximo, posteriormente Vicente Ferreira Pastinha (Mestre Pastinha) também sistematiza e adota a escolarização da capoeira. A escolarização da capoeira deve-se a necessidade de fundamentar os métodos e estilos da capoeira integrando suas ritualísticas. Podemos citar que dentro as técnicas mestre bimba soube aproveitar todos os fundamentos, da roda, golpes, jogo, cânticos, ritmos, musicalidade e instrumental, tornando-se assim fundamentos básicos para escolarização da capoeira.

2.4.1 A pedagogia da capoeira: estratégias e metodologias de ensino na escola

A busca para aprimorar a Educação no Brasil, desde a aplicação das Leis de Diretrizes e Bases da Educação, no final do séc. XX, tem colocado em pauta diferentes propostas pedagógicas em certo grau, muitas com larga experiências aplicadas realidades das salas de aula e escolas em diferentes pontos do país. Estas experiências tem respaldado diversos estudos acadêmicos e vice versa.

Os mais notáveis estudos acadêmicos tem colocado em debate diversos temas pertinentes a Capoeira e de um modo generalizado a cultura negra. Em todos os pontos em comum a pedagogia da capoeira esta presente, por sua complexidade e signos educacionais, tais como suas ferramentas didáticas, a expressão corporal, a dança, o canto, a luta, a expressividade, a filosofia, a disciplina, o artesanato, os instrumentos musicais, as suas musicalidade, o seu ritmo, a sua ritualística que mistura arte, esporte e culturas tradicionais. A pedagogia da capoeira, que por uma lado não se disciplina sujeita a Educação Física, tornando-se libertária, e ao mesmo tempo, de outro ângulo, também é disciplinadora como forma ideológica na sua história, faz com que através de sua mágica torna esportiva, lazer e cultura, no seu conteúdo principal. E sem este complexo tempero não é capoeira.

A Capoeira na Escola, tornou-se um desafio que encontra no campo de batalha cidadão e professores desconhecedores, ignorantes da Arte Capoeira. A visão preconceituosa fundamenta em princípios particulares e parciais, fazem com que a Capoeira não seja reconhecida de fato no ambiente escolar, embora as leis já estejam prontas para serem aplicadas. É preciso formar professores com uma visão mais ampla sobre a Educação Física Escolar, que contemple crianças, adolescentes, jovens e adultos, respeitando suas culturas, suas tradições sem discriminar ou hierarquizar as artes e/ou esportes conforme interesses particulares ou influências midiáticas que assolam a educação brasileira.

A Educação Física é uma porta entre diversas alternativas para implantar uma educação de qualidade nas escolas brasileiras. Aproveitando o potencial de nossas gerações ainda empíricas de mestres de tradições afrobrasileiras, garantindo difusão e descoberta por uma comunidade de afrodescendentes, conhecer as ações afirmativas, entre as quais disponíveis como a pedagogia da Capoeira.

No futuro século XXII, será banal, quando as pedagogias aproveitarem conhecimentos tradicionais para ilustrar suas aulas. Vivemos um presente rico de oportunidades, em que a capoeira ainda encontra resistência nas comunidades e escolas públicas. Enquanto o mundo considerado primeiro, vem beber de nossa fonte cultural, transforma em metodologias seus princípios complexos, em produtos culturais e nós desprezarmos sem conhecimentos o consciência sobre os valores

que nos pertence como nação. A Roda de Capoeira é reconhecida pela ONU – UNESCO – como patrimônio da humanidade.

3 METODOLOGIA DO ESTUDO

Conforme o referencial teórico a pesquisa sobre capoeira e educação física escolar desenvolvemos a metodologia baseada em pesquisa bibliográfica com princípios de Gil “Como Elaborar um Projeto de Pesquisa” para explicar a relação da capoeira na escola através dos autores Hélio Capos, Nestor, José Luiz Cirqueira Falcão, Josivaldo Pires de Oliveira e Luiz Augusto Pinheiros Leal.

3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

A investigação foi realizada entre os meses de março a maio de 2016. Os procedimentos metodológicos foram baseados na Pesquisa Bibliográfica, o qual segundo GIL(2010), nos informa como delinear, com planificação de etapas desde a escolha do tema, o levantamento bibliográfico preliminar, formulação do problema, elaboração do plano provisório de assunto, a busca de fontes, a leitura do material, o fichamento, a organização lógica do assunto, e a redação do texto. Através destas análises, aprofundamos a execução a investigação, seguindo GIL (2010, pág. 45 a 64).

A leitura e análise seguiram o conceito de análise simples, evidenciando as principais discussões encontradas nos estudos, articulando os conhecimentos para subsidiar a construção dos pontos ressaltados como subtítulos do capítulo posterior.

A complexidade da Capoeira com seus diversos signos, plasticidade corporal, cantos, danças, músicas, instrumentos, etc, reconhecidos pela sua História da prática e vivência nas Rodas e Vadiagens, tornou-se um desafio, diante de tão pouca bibliografia disponível sobre o tema.

Ao definir e reformular o problema da pesquisa definiu-se uma linha de pesquisa para aprofundar e revisar sobre todo o conteúdo relacionado a Capoeira na escola. Um pequeno esboço geral, provisório foi elaborado, conforme indicação de GIL (2010, pág. 48), desenvolvemos uma estrutura lógica para apresentação

ordenada de todas as partes. Observamos que ao longo do desenvolvimento da pesquisa, houve reformulações tanto do levantamento das produções e reorganização do plano provisório, estabelecendo limites e concluindo com a finalização de partes acumuladas de conteúdo.

Conforme a pesquisa foi utilizada os seguintes termos: capoeira na escola, capoeira em âmbito escolar, história da capoeira, educação física escolar e capoeira, diversidade cultural da capoeira, capoeira cidadania e capoeira como instrumento e didática pedagógico. Observamos que a pouco conteúdo bibliográfico disponível para pesquisas em relação ao conteúdo abordado.

Seguindo a recomendação metodológica de GIL (2010), na investigação bibliográfica, buscamos aprofundar na sistematização das informações, enumerando tópicos, para construção do pensamento básico para eficiência da revisão dos artigos e autores.

Para início de levantamentos das fontes, foram realizados na busca em sites de revistas on-line, divididas em pastas, identificando cada uma com a quantidade de artigos encontrados. sendo totalizados no caso desta pesquisa 17 sites de revista digitais: Revista Pensar a Prática, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Revista Motricidade, Revista Brasileira de Educação Física e Esporte – RBEFE -USP, Revista Motrivivência, Revista Gymnasiun, Revista Motriz, Revistas ULBRA e MOVIMENTO (UEM), Revista Movimento, Revista Conexão, Revista Brasileira de Reabilitação e Atividade Física, Revista Brasileira de Psicologia do Esporte, Revista Brasileira de Medicina do Esporte, Arquivos de Ciências do Esporte, Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, Banco de periódicos da CAPES.

Em seguida foi realizado busca no banco de teses e dissertações da PPGEF – UFES, PPGE - UFES, PPGE – USP e o Banco de periódicos da CAPES. E por fim os principais Indexadores e Diretórios, busca essa feitas nas paginas digitais dos seguintes: DOAJ - Directory of Open Access Journals, Ebsco Publishing: Business Source Complete, Gale Cengage Learning, REDIB, RePEc - Research Papers in Economics, Sistema de Información Científica Redalyc - Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal, SciELO - Scientific Electronic Library Online, Scopus/Elsevier, Sherpa/Romeo, Sumários Brasileiros de Revistas

Científicas, Thomson Reuters: SSCI, JCR. Diretórios: 10th Edition of Cabell's Directory of Publishing Opportunities in Management, CLASE-Citas Latinoamericanas en Ciencias Sociales y Humanidades, Diadorim, HAPI- Hispanic American Periodicals Index (HAPI, IBSS - International Bibliography of the Social Science, Latindex - Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, Espana y Portugal, Ulrichs Periodical Directory totalizando 10 indexadores e 7 diretórios.

3.2 RESULTADOS DAS BUSCAS

A organização das buscas e seus achados se deu pela construção dos quadros que apresentam o nome da fonte, tipo, quantidade e ano de publicação, como vemos a seguir:

REVISTA	TIPO	QUANTIDADE	ANO
Revista Pensar a Prática	00	00	00
Revista Brasileira de Ciências do Esporte	00	00	00
Revista Motricidade	00	00	00
Revista Brasileira de Educação Física e Esporte – RBEFE –USP	Artigo	01	2015
Revista Motrivivência	Artigo	03	2011 a 2013
Revista Gymnasiun	00	00	00
Revista Motriz	Artigo		2004 a 2009
Revistas ULBRA e MOVIMENTO (UEM)	00	00	00
Revista Movimento	Artigo	02	2008 a 2011
Revista Conexão	00	00	00
Revista Brasileira de Reabilitação e Atividade Física	00	00	00
Revista Brasileira de Psicologia do Esporte	00	00	00
Revista Brasileira de Medicina do Esporte	00	00	00
Arquivos de Ciências do Esporte	00	00	00

Revista Portuguesa de Ciências do Desporto	00	00	00
Journal of Science and Medicine in Sport	00	00	00
Banco de periódicos da CAPES	Dissertação	01	2012

QUADRO 1 - REVISTAS E PERIÓDICOS ON-LINE

Da mesma forma, seguimos com o quadro 02, abaixo:

UNIVERSIDADE	TIPO	QUANTIDADE	ANO
PPGEF – UFES	00	00	00
PPGE – UFES	00	00	00
PPGE – USP	Tese	02	2009 a 2011

QUADRO 2 - BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES

Seguindo a mesma linha de organização, apresentamos o quadro 03, a seguir:

INDEXADORES	TIPO	QUANTIDADE	ANO
DOAJ - Directory of Open Access Journals	Artigo	03	2010 a 2013
Ebsco Publishing: Business Source Complete	00	00	00
Gale Cengage Learning	00	00	00
REDIB	Artigo	02	2008 a 2012
RePEc - Research Papers in Economics	00	00	00
Sistema de Información Científica Redalyc - Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal	Artigo	01	2008
SciELO - Scientific Electronic Library Online	Artigo	03	2011 a 2015
Scopus/Elsevier	00	00	00
Sherpa/Romeo	00	00	00
Sumários Brasileiros de Revistas Científicas	00	00	00
Thomson Reuters: SSCI, JCR	00	00	00

QUADRO 3 - PRINCIPAIS INDEXADORES E DIRETÓRIOS

Nos diretórios: 10th Edition of Cabell's Directory of Publishing Opportunities in Management, CLASE-Citas Latinoamericanas en Ciencias Sociales y Humanidades, HAPI- Hispanic American Periodicals Index (HAPI), IBSS - International Bibliography of the Social Science, Latindex - Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal, Ulrichs Periodical Directory, não foram encontrados materiais relacionados ao tema do trabalho.

4 LEITURAS E ANÁLISES DOS ACHADOS.

Conforme leitura nos trabalhos encontrados, evidenciamos os seguintes pontos sendo discutidos pelos autores, como: as legislações educacionais e a capoeira, as divergências sobre a história da capoeira e uma capoeira contemporânea para aprofundar e compreender a capoeira na escola. Falaremos sobre cada ponto a seguir.

4.1 AS LEGISLAÇÕES EDUCACIONAIS E A CAPOEIRA.

Nas leituras dos achados, foram encontrados pontos em comum no que se trata da capoeira no âmbito escolar ou no currículo educacional. Observa-se que na busca de um caminho para inclusão da capoeira na escola os autores seguem a mesma linha de pensamento onde buscam referência na LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Partindo desta linha de pensamento justifica o ensino da capoeira em âmbito escolar sendo ela caracterizada manifestação cultural afro-brasileira. Em seguida se confirma pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs que indicam a importância de se “[...] conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crença, de sexo, de etnia ou características individuais e sociais”.

Esse mesmo documento ainda ressalta que Educação Física permite que se vivenciem diferentes práticas corporais advindas das mais diversas manifestações culturais e se enxergue como essa variada combinação de influências está presente na vida cotidiana. As danças, esportes, lutas, jogos e ginásticas compõem um vasto

patrimônio cultural que deve ser valorizado, conhecido e desfrutado. É percebido que na busca por fatores que justificam a prática da capoeira na escola os autores sempre buscam referências na Lei de Diretrizes Bases Nacional (LDB), e nos Parâmetros curriculares Nacionais (PCNs), acerca de que se assegurem nas suas perspectivas, motivações na conquista do espaço escola, capoeira e Educação Física.

Ainda nesses estudos, buscando identificar a capoeira como um instrumento pedagógico, nos deparamos com as considerações feitas por Fabio Penteado de Souza, Maria Ivonete de Souza, Maria Luiza Troian (2012, QUADRO 03 das buscas) afirmando que a capoeira no contexto escolar vem ano a ano crescendo e buscando forma de se afirmar como educação cultural e pedagógica se infiltrando cada vez mais nos espaços escolares, em seguida considera que:

A capoeira como prática pedagógica é um auxílio para promoção de igualdade racial dentro do espaço escolar, ela consegue desenvolver nos sujeitos a autonomia e a quebra de paradigmas e mitos criados pela sociedade de que o negro é inferior ao branco. A criança não nasce preconceituosa, ela é influenciada pelo seu meio de convivência que acaba por construir nela conceitos medíocres e hostis contra seu semelhante Fabio Penteado de Souza, Maria Ivonete de Souza, Maria Luiza Troian (2012, p82).

Observamos que outros autores também relacionam a capoeira com a educação, destacando a sua importância como prática pedagógica, considerando seus aspectos culturais e sociais, ressaltando que:

Assim, reconhecemos que a educação requer participação ativa, e buscamos privilegiar, em nossa proposta com a capoeira, que as atividades partam da cultura corporal dos próprios participantes, que tenham sentido em sua comunidade, em seu mundo-vida, quer seja para nossas aulas em ambiente escolar, quer seja para ambiente não escolar (GONÇALVES JUNIOR, 2009, QUADRO 01 das buscas).

Vinícius Thiago Melo (2011, QUADRO 01 das buscas) fala em seu estudo que a capoeira, no contexto das relações étnico-raciais na escola, sendo uma cultura de origem afro-brasileira que está fortemente atrelada à história de luta dos negros no Brasil, emerge como conteúdo reconhecido no âmbito da educação escolar brasileira.

Assim, reafirma que:

A LDB - lei 9394/96, em seu art. 1º - exprime a amplitude do processo educativo: 'A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais'(MELO, 2011, QUADRO 01 das buscas).

Podemos ainda, ver em Luciana Maria Fernandes Silva (2012, QUADRO 02 das buscas) quando faz as seguintes colocações em seu trabalho, reforçando o uso das Leis que instituem a educação brasileira, da seguinte forma:

Alguns acontecimentos, no que diz respeito à legislação que rege a educação brasileira, marcaram a trajetória e desenvolvimento da capoeira. No dia 20 de dezembro de 1996, foi decretada e sancionada a Lei nº 9.394, a qual estabelece as diretrizes e bases para a educação nacional. Em seu artigo 26, § 4º, esta Lei determinava que o ensino da História do Brasil levaria em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia (BRASIL APUD SILVA, 2012, grifo nosso).

Posteriormente, Silva (2012, QUADRO 02 das buscas) destaca que foi decretada a Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, que em seu Artigo 26-A, § 1º incluiu a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena", acrescentando aos estudos, aspectos da história e da cultura a partir desses dois grupos étnicos, africanos e indígenas, que caracterizam a formação da população brasileira.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Cristina Carla Sacramento e Laerthe de Moraes Abreu Jr. (2013, QUADRO 03 das buscas) fazem o seguinte esclarecimento, nos aspectos em comum em relação as manifestações culturais na escola, que desde então, algumas providências tomadas pelo governo brasileiro, aqui como políticas de ação afirmativa, têm sido de extrema importância na tentativa de propiciar o reconhecimento e a valorização das diversas etnias que compõem a sociedade brasileira. Nesse sentido, enfatizamos a promulgação da Lei 10.639/2003 que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira na educação básica e a criação de secretarias que visam implementar políticas educacionais que propiciem o respeito ao diferente, ao mesmo tempo em que promovem a igualdade etnicorracial.

Essas atitudes governamentais, somadas ao comprometimento das instituições de ensino, têm a intenção de contribuir para amenizar os mais diversos tipos de discriminação, sejam eles etnicorraciais, de gênero ou religioso, propiciando a valorização das minorias e seu acesso aos bens que garantam a cidadania plena.

4.2 AS DIVERGÊNCIAS SOBRE A HISTÓRIA DA CAPOEIRA.

No espaço comum das fontes históricas e origens da capoeira em seu universo cultural homogêneo, com fins de encontrar pontos de vista de cada autor no que se discute da história da capoeira, observamos a capoeira sendo contada sob vários prismas, diversificando seu desenvolvimento. Luiz Gonçalves Junior (2009, QUADRO 01 das buscas) concorda que a capoeira, enquanto manifestação da cultura africana e afro-brasileira se encontra enraizada na memória deste povo desde sua origem, mesmo modificando-se no contato com outras culturas (indígena, europeia, oriental, entre outras) e continua sendo identificada com a luta pela liberdade dos negros africanos e seus descendentes escravizados no Brasil.

Falar sobre a capoeira significa falar sobre a interface do tempo passado no tempo presente, considerando-a como uma atividade artesanal. Este ofício nasceu a partir das experiências supervisionadas dos mais velhos e/ou de um mestre na orientação de seus discípulos ou membros de um grupo, constituindo uma escola ou “escola de ofício” (SILVA, SOUZA NETO E BENITES, 2009, QUADRO 01 das buscas).

Uma das hipóteses, talvez mais aceita entre os praticantes da capoeira, mas sem fonte documental que comprovem sua veracidade, afirma que ela foi inteiramente desenvolvida no Brasil, sem nenhuma conexão com as raízes africanas. Desta forma golpes e toques musicais teriam sido todos criados pelos escravos durante o período de escravidão (ibdem).

São várias as especulações sobre a origem da capoeira, pois se tratam de uma história que passa por grandes acontecimentos que estão diretamente vinculados a

história do Brasil. As afirmações são diversas e muito vezes há contradições nas fontes de estudo pesquisadas, assim como observamos a seguinte afirmação feita por Ricardo Martins Porto Lussac (2015, p.4, QUADRO 01 das buscas) de que a capoeira, mesmo que tenha tido uma matriz estrangeira, originou-se realmente no Brasil. É possível afirmar que a dificuldade em pesquisar a origem, o desenvolvimento e a história da capoeira não está exclusivamente em sua gênese, mas sim na diversidade que a compõe.

Outro fator sobre a história está ancorado na cultura indígena, que também fez parte da constituição do povo/nação e história brasileira. Podemos observar, por exemplo, as seguintes características indígenas que podemos encontrar sobre origens da capoeira, pois

Já na descrição do padre jesuíta Manoel da Nóbrega sobre a prática dos índios Potiguara é interessante quando descreve que estes também usavam a cabeça como uma arma ágil e perigosa. A cabeçada é uma expressão motora muito encontrada nos relatos mais antigos sobre a prática do jogo-luta, mas é necessário ter o cuidado para não tecer análises lineares com a prática da Capoeira (LUSSAC, 2015, p. 4, QUADRO 01 das buscas).

Segundo Lussac (2015, QUADRO 01 das buscas), é possível concluir que o perfil étnico dos praticantes da luta e do jogo da Capoeira no início do século XIX demonstra que, apesar de ser encontrado um perfil predominantemente de escravos e africanos, não se pode inferir de imediato que a gênese desta expressão seria uma cultura e prática de um grupo, de uma etnia ou de uma nação africana específica.

Citado por LUCIANA MARIA FERNANDES SILVA (2012 QUADRO 02 das buscas) em sua dissertação, FALCÃO (2004, p.17) afirma que “[...] os registros históricos evidenciam que, quando a capoeira ensaiou seus ‘primeiros passos’, no Brasil, o fez através de corpos africanos de várias etnias e reinos, trazidos pelos portugueses para a, então denominada, *Terra de Santa Cruz*”. É possível afirmar, portanto, que, embora ela tenha sido “engravada” na África, ela já “nasce” no Brasil pluriétnica, ou seja, ela foi batizada no Brasil, como filha de uma condição de

exploração a que foram submetidos seres humanos procedentes de diversas etnias africanas em terras recém-invasidas pelos portugueses.

4.3 UMA CAPOEIRA CONTEMPORÂNEA

Na leitura dos artigos pressupomos uma dinâmica que pudesse identificar assuntos que reafirmasse alguns conceitos sobre o mundo da capoeira. Nesta linha de pensamento Muleka Mwewa, Marcos Aurélio Taborda de Oliveira e Alexandre Fernandez Vaz (2010 QUADRO 03 das buscas) afirmam que a capoeira contemporânea é fruto de uma escolha do cliente diante do *menu* apresentado caracterizando pelo privilégio de certas características, como acrobacia, saltos, ginga padronizada.

Em seguida afirmam que a capoeira contemporânea demanda de um indivíduo que possa manejar os contextos sociais em que ela é praticada e ainda, que esse indivíduo, por sua vez, também deve ter sob controle das diversas identidades capoeirística que o atravessa, pois pode ser solicitado a funcioná-las na sua relação contínua com o outro no jogo, mas também, fora da roda, nas relações interpessoais que se prolongam no cotidiano do capoeirista.

O que podemos constatar, é que se busca uma análise periódica dos conceitos da capoeira contemporânea, do que a mesma obtém da capoeira angola e, ao mesmo tempo, do que se prevalece da capoeira regional. Sabendo que se discute com frequência esse assunto nos tempos atuais é notado nessa análise que poucos se aprofundam nessa temática, mas que se afirma uma pré-definição da mesma que se deixa sustentada pelo senso comum, de que se trás consigo os traços do estilo regional baiano e do tradicional ritmo da angola, e que se prevalece o valor histórico cultural de cada estilo servindo como instrumento didático no processo de escolarização da capoeira como foi citado anteriormente em nossas análises.

Em busca de fontes que ressaltasse o processo de construção da capoeira contemporânea identificamos esse pequeno trecho citado por Paula Cristina da Costa Silva (2011 QUADRO 03 das buscas), utilizado pioneiramente por Letícia Reis, 1997, é adotado para designar o período após a década de 1930, que se caracterizou pelas transformações as quais a capoeira passou ao longo dos anos. Estas mudanças, por sua vez, englobam a formulação da Capoeira Regional e da Angola e sua hibridização a partir da migração de capoeiristas baianos para o sudeste e, mais atualmente, pode-se considerar sua internacionalização e as metamorfoses daí decorridas como parte constituinte da Capoeira Moderna.

Podemos considerar que o século XXI poderá ser o momento de aprimoramento da capoeira contemporânea, seja no âmbito didático pedagógico, seja nas relações de criação de grupos e manifestações esportivo-culturais, seja nas legislações de direito da cidadania da capoeira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as leituras, achados e buscas efetuados no presente trabalho, pode-se concluir que a inclusão da capoeira em âmbito escolar parte dos meios que institui a educação no Brasil, ou seja, a LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

É sabido que por meio das Leis que institui a educação no Brasil é possível discutir com embasamento nas novas propostas de ensino que regulamenta o currículo da Educação Física escolar. Assim com argumentos cabíveis justifica-se a inclusão da capoeira como prática pedagógica, sendo conteúdo a ser abordado no ambiente e escolar, acreditando-se que desta maneira é possível contribuir para qualidade dos aspectos social, cultural e educacional da Educação Física.

Podemos refletir sobre as análises realizadas que a capoeira é um instrumento pedagógico importantíssimo para desenvolver os estudos da cultura africana e indígena na escola, pois essa está ligada diretamente com processo histórico destas etnias, reafirmando o que indica a Lei nº 11.645, de 10 março de 2008, de que a mesma deve ser abordada nos métodos de ensino da educação brasileira.

Entende-se e reflete que nada impossibilita a pratica e ensino da capoeira na escola desde que atenda os princípios básicos da educação e que segue os procedimentos curriculares da Educação Física escolar, para que se trabalhe com qualidade os conteúdos de didáticos desta pratica corporal humana. Sendo assim, algumas questões que emergiram no decorrer da pesquisa, como por exemplo dados históricos sobre os primórdios da capoeira e as diversas metodologias pedagógicas da capoeira em âmbito escolar. Isso devido a falta de material bibliográfico suficiente nas bibliotecas em modo geral.

Enfim, deixamos essas sugestões para contribuição de trabalhos futuros, para que possam ser pesquisados e discutidos para novos conhecimentos, a fim de compreender os processos que a capoeira e a escola passam para o desenvolvimento do ensino da cultura brasileira.

6 REFERÊNCIAS

Campos, Hélio. **Capoeira na Escola**. - Salvador: EDUFBA, 2003.

Capoeira Nestor, **Capoeira Pequeno Manual do Jogador**. 9º Ed.- Rio de Janeiro: Record, 2010.

Falcão José Luiz Cirqueira Falcão, **A escolarização da Capoeira**.-Brasília: ASEFE – Royal Court, 1996.

Gil, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. Ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008, disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm> acessado em 02 abr. 2016.

Lussac, Ricardo Martins.P, Especulações acerca das possíveis origens indígenas da capoeira e sobre as contribuições desta matriz cultural no desenvolvimento do jogo-luta.- São Paulo: **Rev Bras Educ Fís Esporte**. 2015. Disponível em <<http://www5.usp.br/servicos/revista-brasileira-de-educacao-fisica-e-esporte/>> acessado em 05 abr. 2016.

Luiz Gonçalves Junior, Dialogando sobre a Capoeira: Possibilidade de Intervenção a Partir da Motricidade Humana.- Rio Claro-SP: **Rev Motriz** 2009. Disponível em <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz>> acessado em 05 abr 2016.

Muleka Mwewa, Taborda, Oliveira Marcos, Alexandre Vaz, **Capoeira: Cultura do Corpo, Esquemas, Exportação Identitária**.- Santa Catarina: **DOAJ - Directory of Open Access Journals** 2013 - disponível em <<http://www.doaj.org>> acessado em 08 mai 2016.

Melo, Vinícius Thiago.T, A Capoeira na Escola e na Educação Física.- Belo Horizonte:MG **Rev Motrivivência**. 2011. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia>> acessado em 05 abr.2016.

Oliveira, Josivaldo.P & Leal, Augusto, **Capoeira Identidade e Gênero**: ensaio sobre a história social da capoeira no Brasil.- Salvador: EDUFBA, 2009.

Silva, Mellissa.G, Sousa,Samuel.N, Benites, Larissa.C, A Capoeira como Escola de Ofício.- Rio Claro: **Rev Motriz** 2009. Disponível em <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz>> acessado em 05 abr 2016.

Silva,Luciana Maria. F, O Ensino da Capoeira na Educação Física Escolar: blog como apoio pedagógico.- Rio Claro-SP: **Banco de periódicos da CAPES** 2012. Disponível em <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>> acessado em 06 mai 2016.

Sacramento,Cristina.C, Abreu Laerthe.M, Os Negros, a Diversidade Etnicorracial e a Escola: O Tratamento Didatico-pedagogico da História e Cultura Afro-brasileiro em Dois Livros do Brasil da Primeira Metade do Século XX.-Santa Cruz do Sul: **DOAJ - Directory of Open Access Journals** 2011-disponível em <<http://www.doaj.org>> acessado em 08 mai 2016.

Silva,Paula Cristina .C, Capoeira nas Aulas de Educação Física: Alguns Apontamentos Sobre Processos de Ensino-Aprendizado de Professores.- Vitória-ES: **DOAJ - Directory of Open Access Journals** 2013 - disponível em <<http://www.doaj.org>> acessado em 08 mai 2016.